



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC

ERILDO FERNANDES DE SOUZA

**GÊNERO DISCURSIVO FOLIA DE REIS, REVELANDO CULTURA E
IDENTIDADES NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS**

PLANALTINA– DF
2015

ERILDO FERNANDES DE SOUZA

**GÊNERO DISCURSIVO FOLIA DE REIS, REVELANDO CULTURA E
IDENTIDADES NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial para obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo com habilitação na área de Linguagens.

Orientadoras: Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa

Profa. Esp. Ana Cristina de Araujo

PLANALTINA – DF

2015

**GÊNERO DISCURSIVO FOLIA DE REIS, REVELANDO CULTURA E
IDENTIDADES NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS**

ERILDO FERNANDES DE SOUZA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial para obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo, com habilitação na Área de Linguagens.

Defendida e aprovada em 14 de dezembro de 2015

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa (UnB/FUP) - Orientadora

Profa. Esp. Ana Cristina de Araujo (UnB/FUP) – Orientadora

Profa. Dra. Ana Aparecida Vieira de Moura (IFB) - Examinadora

Profa. Ma. Catarina Machado dos Santos (UnB) - Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus por eu estar aqui

À minha orientadora,

A todos os familiares, amigos e professores da LEdoC

A todos aqueles que fizeram e fazem parte do meu desenvolvimento na LEdoC.

Também agradeço à banca examinadora.

***Lutar por aquilo que é desejável
sempre haverá obstáculos***

RESUMO

O presente trabalho tem como tema o Gênero discursivo “Folia de Reis” revelando a identidade cultural na comunidade Kalunga Vão de Almas, tem como objetivo analisar e discutir o gênero discursivo Folia de Reis na construção da identidade e cultura da comunidade Kalunga Vão de Almas. Para fundamentar a pesquisa, busquei Marcushi (2008), Bazermam (2009), Saraiva (2006), Caldart *et al.* (Orgs) (2012) entre outros. Para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa, de natureza etnográfica, recorri a Bortoni-Ricardo (2008) e Cresweel (2010). Para geração de dados, foram entrevistadas 08 pessoas com idades diferentes, para podermos analisar suas reflexões sobre Folia de Reis. Com esse trabalho, almejo conscientizar os jovens a não abandonarem suas culturas.

Palavras-chave: Folia de Reis. Gêneros textuais. Cultura. Identidade. Educação do Campo.

ABSTRACT

This work has as its theme: discursive Genre Folia de Reis, signifying cultural identity in the Kalunga community of Souls - GO, it aims to analyze and discuss the discursive genre Folia de Reis in the construction of identity and culture of Kalunga GO Souls community. In support of research, I sought Marcushi (2008), Bazermam (2009), Saraiva (2006), Caldart *et al.* (Eds) (2012) among others. For the development of qualitative research, ethnographic, resorted to Bortoni – Ricardo (2008) and Cresweel (2010). To generate data, they interviewed 08 people of different ages, in order to analyze their thoughts on Folia de Reis. With this work, I long to educate young people not to abandon their culture.

Keywords: Folia de Reis. Textual genres. Culture. Identity. Rural Education .

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

Letra maiúscula = ênfase

... = pausa maior

.. = pausa menor

/?/ = fala não entendida

[...] = discurso suprimido

Palavras em *itálico*: interação do entrevistador com o entrevistado.

Os colaboradores desta pesquisa são identificados pelas iniciais dos nomes para preservar a identidade dos mesmos.

No decorrerem das entrevistas são citados nomes que também apareceram apenas as iniciais para preservar a identidade das pessoas citadas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO I	
1.0 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	12
1.1. PESQUISA QUALITATIVA.....	12
1.2. ETNOGRAFIA.....	12
1.3. CONTEXTO DE PESQUISA.....	13
1.4. COLABORADORES DA PESQUISA.....	15
1.5. PERGUNTAS DE PESQUISA.....	15
1.5.1 Objetivo geral	15
1.5.2. Objetivos específicos	16
CAPITULO II	
A EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUAS CONQUISTAS.....	17
2.1. LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	18
2.2. FORMAÇÃO POR ÁREA DE CONHECIMENTOS.....	19
2.3. ERILDO NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	19
CAPITULO III	
3.0 REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
3.1. GÊNEROS DISCURSIVOS.....	20
3.2 TIPOLOGIA TEXTUAL.....	22
3.3. CULTURA.....	23
3.4. MEMÓRIA.....	24
3.5. IDENTIDADE COLETIVA.....	25
3.6. FOLIA DE REIS.....	25
CAPITULO IV	
4.0 GÊNEROS DISCURSIVOS FOLIA DE REIS: REVELANDO CULTURA E IDENTIDADES NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

Na comunidade Kalunga Vão de Almas há várias riquezas que fortalecem a comunidade, tornando o ambiente cultural cada vez melhor, tendo suas vantagens e desvantagens. Há muito tempo, na comunidade não houve pessoas letradas com conhecimentos científicos e hoje há pessoas letradas. Há cerca de quatro rios grandes que fornecem suas riquezas naturais para as pessoas que ali vivem e para os animais que também necessitam de água.

Vão de Almas é uma comunidade que há vários eventos culturais, entre eles podemos destacar as festas tradicionais. Esses eventos estão ajudando cada vez mais a divulgar a comunidade, suas belezas e, também, os modos que as pessoas vivem, pessoas que mesmo sem estudar têm suas sabedorias que foram aprendidas durante sua longa jornada de vida.

A comunidade kalunga do Vão de Almas está localizada a 80 km da cidade de Cavalcante – GO e possui cerca de 350 famílias, todas vivem da agricultura familiar. É uma comunidade de difícil acesso, porque a estrada foi construída atravessando uma grande serra que, muitas vezes, impede alguns veículos de subi-la, tornando um trajeto difícil. Na época de chuva, por causa das erosões causadas pelas águas, fica ainda mais complicado o acesso à comunidade. O acesso só é possível em carro com tração nas quatro rodas ou de motocicleta.

Há muitos rios que cortam a comunidade fornecendo suas riquezas, o cerrado é nativo e possui vários tipos de vegetação. As casas são construídas com materiais da comunidade. Além de toda essa descrição geográfica da localidade, a comunidade tem muita riqueza cultural, da qual, podemos contemplar as Folias, que cada vez mais vêm trazendo alegrias para os moradores e todos que ali vivem. É uma comunidade que não tem energia elétrica e nem água encanada, essas pessoas vivem da agricultura para o próprio sustento.

O presente trabalho tem o intuito de analisar os gêneros discursivos Folias na Comunidade Kalunga Vão de Almas, em especial a Folia de Reis, no ano de 2015, analisar as organizações das folias no território.

O que me motivou a fazer esta pesquisa foram as aulas de linguagens, formação por área de conhecimento, do Curso Licenciatura em Educação do

Campo (LEdoC), que tivemos durante o Tempo Universidade (TU). A partir dessas aulas, optei por fazer meu trabalho sobre gêneros discursivos. Vi muita importância em desenvolver um tema sobre a realidade de minha comunidade, principalmente por ser um gênero discursivo que se manifesta na oralidade e que exige muito talento. Normalmente, pessoas não alfabetizadas fazem essas reflexões relevantes.

Este cenário, portanto, motivou-me a realizar esta pesquisa, que está organizada da seguinte forma: Introdução, quatro capítulos e considerações finais. O primeiro capítulo tratará da metodologia de pesquisa, pesquisa qualitativa, contexto de pesquisa, objetivo geral, específicos, perguntas da pesquisa, pessoas pesquisadas e perfil dos pesquisados. O segundo capítulo tratará da Educação do Campo e suas Conquistas, Educação do Campo, formação de educadores do campo, Licenciatura em Educação do Campo, formação por área de conhecimentos, breve relato sobre a experiência na Licenciatura em Educação do Campo. O terceiro aborda os gêneros discursivos, cultura, memória, identidade coletiva e Folia de Reis. O quarto e último tratará da análise de dados. Posteriormente, registramos as considerações finais e referências.

Esta pesquisa é produto do projeto da área de linguagens do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

CAPÍTULO I

1.0 METODOLOGIA DE PESQUISA

A metodologia desta pesquisa parte do momento em que resolvi provar que a Folia de Reis é um gênero discursivo que se manifesta na oralidade. A pesquisa tem o cunho etnográfico, na sua concepção qualitativa. Visto que a etnografia nos possibilita registrar fatos que ocorrem em uma determinada comunidade, no nosso caso, vamos observar, registrar e analisar a Folia de Reis, um festejo também importante da tradição cultural Kalunga da Comunidade Vão de Almas, lugar de nossa pesquisa. Os jovens serão o alvo de nosso estudo. Os recursos a serem utilizados são entrevistas gravadas com gravador de voz.

1.1 PESQUISA QUALITATIVA

Na pesquisa qualitativa tem que analisar as informações e os dados para poder desenvolver o entendimento baseado nas ideias das pessoas pesquisadas, para poder falar da população pesquisada.

O objetivo da pesquisa qualitativa, em especial, a etnográfica é a revelação do que está a ser descoberta ao longo da pesquisa, no cotidiano e nos espaços sociais, buscando tornar o que estar por vir a ser um processo visível(BORTONI-RICARDO,2008). É muito importante que o pesquisador reflita sobre alguns temas e escolha um para aperfeiçoar a sua pesquisa. Depois de gerar os registros, refletir e analisar para podermos chegar à análise de dados. Então, é importante analisar, registrar para poder descrever o que vai ser pesquisado. O objetivo geral da minha pesquisa é descrever e analisar a Folia de Reis na Comunidade Kalunga Vão de Almas, que é um gênero que se manifesta na oralidade, revelando culturas e identidade.

1.2 ETNOGRAFIA

A Pesquisa etnográfica é a descrição da cultura específica que estuda as pessoas em seu próprio ambiente, com entrevista e observação e, além de tudo, permite uma visão ampla de um conhecimento detalhado. Ela se aplica

ao meu trabalho a partir da Folia de Reis que tenho que registrar analisar para poder ir à análise de dados.

A pesquisa etnográfica exige uma descrição do objeto de pesquisa como um todo para chegar à conclusão (BORTONI-RICARDO, 2008). Ao longo das entrevistas o pesquisador vai perceber se o alvo da pesquisa é realidade ou não. Ela vai ser aplicada como uma ferramenta auxiliar que vai ajudar a provar que a Folia de Reis é um gênero discursivo que se manifesta na oralidade.

1.3. CONTEXTO DE PESQUISA

A comunidade kalunga Vão de Almas é localizada no município de Cavalcante. Da cidade no Vão de Almas tem cerca de 80 km, sendo que 38 km são de asfalto. É uma das comunidades mais difícil acesso, por isso não tem quase benefícios, tais como, água encanada, energia elétrica, não tem casinhas construídas pelo governo, nem ensino médio e ainda há escolas sem transporte escolar.

É uma comunidade cercada de belezas naturais, tem grandes serras que a rodeiam em forma de uma cerca, construindo um ambiente melhor para as pessoas que ali vivem e para os visitantes. Há vários lugares no Vão de Almas que são impressionantes, morros que pessoas nunca conseguiram escalar até o topo, pois pessoas mais velhas disseram que há muito ouro lá e, por causa desses ouros, o morro é encantado. Esse morro é chamado de morro da vaca braba, porque antigamente tinha uma vaca que corria lá para se esconder e ninguém sabia explicar. Só sabia que aquilo não era certo.

Há vários rios, córregos que cortam o Vão de Almas, fornecendo suas belezas para moradores, visitantes e para animais, enfim, para todos que moram ou passam por ali. É um lugar tradicional, que cultivava a agricultura, sem tecnologias e sem o uso de agrotóxicos. Antigamente, as pessoas viviam só de alimentos produzidos na comunidade como arroz, feijão, abóbora, melancia, melão, milho, quiabo, jiló, mandioca, praticamente tudo aquilo que plantavam. Alguns também tinham seus animais de criação; gado, cavalo, porco e galinha.

As pessoas eram mais socialistas, usavam a troca de mercadorias, por exemplo: trocavam arroz por bezerros e assim por diante. O tempero usado era feito em casa mesmo. A gordura do porco usava para preparar suas

comidas, porque naquela época não havia óleo de soja na comunidade. O sabão era feito do tingi, árvore que é bastante encontrada na comunidade.

A pesca e a caça eram bastante exploradas, as linhas que as pessoas pescavam eram de algodão, não havia redes de pesca na comunidade e matavam peixes até de facão. E hoje, às vezes, nem de rede ocorre a pesca. Chovia mais, alguns córregos que hoje secam naquele tempo não secavam. O que era mais difícil para as pessoas da comunidade era o sal, pois, esse eles tinham que viajar um mês para consegui-lo e aqueles que iam buscar a cavalos trocava uma xícara por um dia de serviço.

Na comunidade, sempre havia os eventos tradicionais que são as folias, festa de nossa Senhora da Abadia e outras festa que tem reza, sussa, cantigas, com o objetivo de cultivar suas culturas e construir identidade.

1.4. COLABORADORES DA PESQUISA

As pessoas pesquisadas são pessoas tradicionais, negras, que nasceram e moram no Vão de Almas. Seu modo de vida é simples, as pessoas cultivam a agricultura, suas casas são feitas de matérias extraídas da própria comunidade. Algumas dessas pessoas não têm conhecimento algum da norma linguística dita “padrão”. Algumas sabem escrever o próprio nome, mas não sabem ler e, alguns dos entrevistados ainda estão estudando.

As pessoas pesquisadas foram pessoas que nasceram e moram na comunidade, algumas delas moram na cidade para poder concluir o ensino médio, porque, como já foi dito, no Vão de Almas, ainda não tem ensino médio para atender esses alunos. Então, alguns jovens vão para a cidade e, depois de alguns tempos, voltam. Mas nem todos voltam por falta de serviços na comunidade.

Pesquisei 08 pessoas, com idade de 75, 70, 55, 39, 29, 20, 12 e 08 anos, todas da comunidade. A pessoa de 75 anos é aposentada e ainda cultiva a plantação de alguns alimentos, mesmo tendo sua aposentaria. O de 70 anos é aposentado, viúvo e também planta alguns alimentos, mora só, pois, seus filhos estão na cidade trabalhando. A pessoa de 55 anos é agente comunitária da saúde na comunidade, nasceu e mora na comunidade até hoje, é casado tem filhos e também cultiva a plantação de alguns alimentos. Já a pessoa de 39 anos é casada e cultiva a agricultura de alguns alimentos, para conseguir

arrumar suas coisas sai e faz diária nas cidades e quando já tem uma quantidade de recursos financeiros, retorna à comunidade para dar continuidade em seus serviços. Já o jovem de 29 anos é professor pela rede municipal e não costuma praticar a agricultura. O jovem de 20 anos mora na cidade para poder concluir seus estudos, não tem trabalho fixo, trabalha fazendo diária, mas até diárias é difícil de encontrar, então, seus pais lhe ajudam. A criança de 12 anos mora na comunidade, pois, está no ensino fundamental, é uma criança que ajuda seus pais nas tarefas diárias e essa criança gosta de praticar atividades esportivas e pescar. Já a criança de 08 anos mora com seus pais e irmãos é uma menina dedicada nos seus estudos.

1.4. PERGUNTAS DE PESQUISA

- 1) Qual a importância da folia para a comunidade kalunga?
- 2) Qual o lugar da folia na cultura e identidade da comunidade Vão de Almas?
- 3) Qual a relação da juventude do Vão de Almas com a Folia de Reis?
- 4) Qual a importância dessa cultura ser assumida pela juventude do Vão de Almas

1.5. OBJETIVO GERAL

Discutir o gênero discursivo oral folia na construção da identidade e cultura da comunidade kalunga Vão de Almas.

1.5.1. Objetivos específicos

- a) Discutir a Folia de Reis na construção da cultura e identidade do povo Kalunga.
- b) Analisar a relação da juventude do Vão de Almas com a Folia de Reis.
- c) Discutir quais as mudanças na cultura dessa juventude.

- d)** Contribuir com a conscientização da juventude sobre a importância da Folia de Reis à construção da identidade e cultura kalunga.

CAPÍTULO II

2.0 A EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUAS CONQUISTAS

Para me informar melhor recorro ao livro dicionário Educação do Campo, Organizado por Caldart et al (2012), especialmente no texto de Molina e Sá, intitulado Licenciaturas em Educação do Campo. A Educação do Campo nasce das lutas dos movimentos sociais, dos camponeses, lutando pela terra e educação, que chega a conquista do curso licenciatura em Educação do Campo, para atender à classe trabalhadora que necessita de educação.

O movimento histórico da Educação do Campo se dá a partir dos movimentos sociais, em busca de construir um projeto de campo combatendo a hegemonia da classe dominante, para que os povos do campo possam ter acesso ao conhecimento e, assim chegar à esperada transformação do mundo e dos sujeitos que nele vivem. Obrigando a classe dominante a mudar a forma de pensamento, pois, eles pensavam que o povo do campo tinha de saber somente a fazer coisas do campo.

A escola do campo é a chave mestre para a transformação da sociedade, pois, é onde os sujeitos do campo começam suas alfabetizações. Mas são os primeiros lugares que implantam ideologias da classe dominante, tornando os sujeitos individualistas. E isso faz com que nós não entremos em lutas coletivas e deixemos nossa autonomia, organizações e novos métodos de pensar.

É uma estratégia para nos alienar aos seus sistemas e facilitando a chegada do agronegócio em nossas comunidades. Para tentar dominar nossas comunidades e ampliar seus negócios em nossos territórios. Por isso, o curso de Licenciatura em Educação do Campo fortalece nossos territórios a partir do momento em que as pessoas de lá conseguem ingressar na universidade.

O foco maior da transformação está nas escolas do campo e na maneira de pensar dos sujeitos que moram no campo, para haver a transformação da realidade. E hoje, podemos dizer que o curso Licenciatura em Educação do Campo é um dos cursos mais disputados da Universidade de Brasília. Pois, há muitas pessoas que moram no campo e nunca tiveram oportunidade de fazer uma Faculdade e, hoje pode ter esse direito que lhes foi negado.

2.1. LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

O curso Licenciatura em Educação do Campo foi uma conquista que os movimentos sociais, formado por trabalhadores camponeses, conseguiram ao longo de muitas lutas e muitos sofrimentos. É um curso que tem duas etapas por ano, é dividido em Tempo Comunidade (TC) e em Tempo Universidade (TU), o que constitui a Alternância, possibilitando às pessoas que vivem no e do campo conseguirem permanecer na universidade e no campo ao mesmo tempo, participando da vida acadêmica e da vida de sua comunidade. Assim, as pessoas do campo podem buscar a transformação da realidade.

Se não fosse um curso em alternância, muitas pessoas não poderiam permanecer no curso, visto que muitos não conseguiriam ficar longe de seus filhos por muito tempo. Temos também a ciranda, que ajuda as mães a permanecer no curso e auxilia para que as mães consigam acompanhar o nível da turma. E todos, mesmo aqueles que não estão nesse setor, ajudam no cuidado com as crianças, pois, o curso permite que trabalhem em coletivo e possamos fazer com que as lutas se tornem mais fortes.

No alojamento tem o quarto exclusivo para as mães dormirem com seus filhos, há uma sala que as cirandeiras ficam com as crianças enquanto as mães estudam, nesse espaço é realizado letramento das crianças, desenvolvendo sujeitos para a vida, ou seja, breves ensinamentos do mundo. É um curso que dá bastante suporte para as mães permanecer no curso.

Este curso que tem suas organizações, tais como setores de trabalhos e outros, tem suas organizações políticas. Organicidade que faz com que os sujeitos se organizem para se estabelecer em algumas atividades na sociedade.

Segundo Caldart (2012), a Educação do Campo surgiu e nasceu da educação básica da primeira conferência nacional por educação básica do campo, realizada em Luziânia-Goiás, do dia 27 a 30 de julho de 1998, então, passou a ser chamada de Educação do Campo. As discussões sobre a primeira conferência iniciaram-se em agosto de 1997, logo após ter encontrado com educadores e educadoras do campo.

2.2. Formação por área de Conhecimentos

O curso oferece duas áreas de formação, na Universidade de Brasília, *Campus* de Planaltina - DF elas são: Linguagens e Ciências da Natureza e Matemática. É na formação por área de conhecimento do curso de Licenciatura em Educação que cada sujeito vai decidir para qual área pretende ir. Penso que deveria ter mais tempo na área de atuação, para podermos estar mais confiantes quando entrarmos em sala de aula ou exercer alguma atividade. Os educandos vêm debatendo para que aumente o tempo na área da qual pretende seguir, porque percebemos que o tempo é pouco para podermos conseguir aprimorar os conteúdos transmitidos.

2.3. Erildo na Licenciatura em Educação do Campo

Esta monografia é resultado dos meus estudos, como aluno da Licenciatura em Educação do Campo. O curso permite que a pessoa se coloque como pesquisador da realidade da sua comunidade, trazendo para o meio científico as questões presentes nas suas comunidades. Avalio que este curso foi o que aconteceu de mais importante nos últimos anos, pois é um curso que faz pessoa ver diferente, analisar as coisas com outro olhar, ter uma visão mais ampla da sociedade. Através desse curso me tornei um sujeito crítico e passei olhar a sociedade com outra visão. É um curso que permite refletir a realidade. O curso busca formar sujeitos críticos para a vida, abre um diálogo entre professor e aluno para colocar pontos de vista diferentes.

Depois que ingressei na LEdoC, tornei-me um cidadão crítico e passei a ter uma nova visão perante a sociedade, passei a ver as coisas com olhar crítico. É um curso contra-hegemônico que visa combater a expansão do agronegócio em nas nossas comunidades, e faz com que os educandos abram os olhos para combater o capitalismo. A partir da LEdoC, atuei durante dois anos na sala de aula, mas devidos alguns problemas fui demitido e hoje atuo desenvolvendo atividades do PIBID.

CAPÍTULO III

3.0 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 GÊNEROS DISCURSIVOS

Gêneros textuais são fenômenos históricos da vida cultural e social que estabelecem atividades comunicativas do dia-a-dia. Podemos destacar também que gêneros textuais são textos orais que possuem funções sociais servindo de interação entre as pessoas. O gênero discursivo começou com BAKHTIN (SOUSA, 2006). E com os avanços tecnológicos fazem aparecer novos gêneros, lembrando que eles são inúmeros, infinitos, e em todos os momentos em nossas vidas usamos os gêneros. Os gêneros têm suas tipologias, que são as estruturas para os gêneros, sabendo que as tipologias é que dão vida para os gêneros existir.

Segundo Charles Bazerman (2009), o conceito de gênero é essencial e está sempre em mudanças, pois os gêneros são conhecidos pelas pessoas em qualquer lugar. Nós entendemos os gêneros como um papel social que podemos compreender melhor, que ajuda no desenvolvimento do indivíduo, trazendo novas realidades, contribui para que nós possamos conhecer e compreender seus funcionamentos dentro do sistema de gêneros.

Bazerman (2009, p. 31) afirma que os gêneros textuais ajudam no desenvolvimento psicossocial dos sujeitos na sociedade, ajudando nas reflexões da escrita e nos atos de fala. “Podemos chegar a uma compreensão mais profunda de que gêneros se os compreendemos como fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividades socialmente organizadas”.

De acordo com Charles Bazerman, os gêneros são os que as pessoas entendam como gênero no tempo por nomeações.

[...] identificar gênero historicamente conduz o conceito de gênero de um fato essencial que reside nos textos a um fato social, real, na medida em que as pessoas o tomam como real e na medida em que essa realidade sócio-psicológica influi na sua compreensão e no seu comportamento, dentro da situação como elas a percebem (BAZERMAN, 2009, p. 50).

Gêneros textuais são, na verdade, as estruturas que nos ajudam a analisar, compreender e a entender os textos, isto é, a família de gêneros. Os gêneros são os conjuntos de organização da sociedade que formam um sistema, estabelecendo uma rede. A rede é feita em formas comunicativas que juntam com seus mecanismos e forma um conjunto de gênero, sendo ele oral ou escrito.

Os gêneros são orais ou escritos, eles são identificados pelas suas características, funções, para quem são direcionados, para que possam identificar de que tipologia é esse gênero.

Gêneros textuais são processos linguísticos em prática social, fornecendo os processos comunicativos que organizam as formas e etapas dos discursos que analisam textos e descrevem a língua tendo uma visão da sociedade. Sendo que o discurso é a interação entre linguagem e sociedade em ação fazendo o uso da língua, ajudando nas necessidades dos seres humanos.

Os gêneros textuais são inúmeros, mas os tipos não passam de seis, eles são: narrativo, descritivo, dissertativo, injuntivo, preditivo e dialogal. A tipologia da folia é narrativa.

Marcuschi afirma que (2008, p. 84) “entre o discurso e o texto está o gênero, que é aqui visto como prática social e prática textual-discursiva”. O discurso é uma atividade universal que todos usam no dia-a-dia e o texto como uma atividade observável, com tudo isso, surge os gêneros como modelos que ocorrem no momento histórico-social e circula na sociedade. E com o discurso que usamos no cotidiano inicia com um gênero. Os gêneros já são bem antigos e hoje dá a continuidade com uma nova visão sobre eles. Os gêneros eram mais vinculados apenas com a literatura, mas com o passar do tempo foram modernizando e não vincula mais só com a literatura, hoje quando temos um discurso oral ou escrito sem se basear na literatura já é gênero.

Segundo Marcuschi (2008, p.148) “a expressão “gênero” vem sendo atualmente usada de maneira cada vez mais frequente e em número cada vez maior de áreas de investigação”. O gênero textual ou discursivo querendo ou não está sempre presente em nossas ações do cotidiano. Os estudiosos e todos nós estamos cada dia mais interessados em aprender. Com tudo isso, os gêneros passam a ser relevantes, porque o discurso é uma descrição da língua

fazendo com que nós temos uma nova visão da sociedade, e ele é uma forma de ação social. “Eles são um “artefato cultural” importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade” (MARCUSCHI, 2008, p.149). Como afirma esse autor, os gêneros são estruturas que possibilitam nossa comunicação perante a sociedade e cultivamos isso todos os dias.

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na interação de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (MARCUSCHI, 2008, P.155)

Podemos dizer que ao nos comunicar verbalmente, estamos comunicando com algum gênero.

3.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Marcuschi nos diz que:

Vejamos agora um simples exemplo para ter clara a questão relativa à inserção de sequências tipológicas (os modos textuais) subjacentes à organização interna do gênero. Isto serve para comprovar que os gêneros não são opostos a tipos e que ambos não formam uma dicotomia e sim são complementares e integrados (MARCUSCHI, 2008. p. 156).

Cada parte dos gêneros forma as tipologias. Podemos dizer que as casas da comunidade Kalunga Vão de Almas são um gênero textual que tem a função social de abrigar uma família. Cada parte da casa, como as palhas, as paredes, as janelas e as portas, forma os tipos textuais, assim na concepção de Marcuschi (2008) são definidas as tipologias textuais.

✓ Narrativa: Tipo textual predominante em histórias, romance, fábula, piada etc.

✓ Exposição: Tipo textual predominante na exposição de ideias. Esse tipo compõem capítulos de livro, síntese, resumo entre outros gêneros textuais dessa modalidade.

✓ Argumentação: Quando há tentativa de convencer alguém no discurso, mostrando tese, antítese e síntese. Essa tipologia se registra, com frequência, em monografia, redações dissertativas, tese de doutorado, resenhas etc.

✓ Injunção: essa tipologia expressa orientação, ensinamento de como fazer alguma, dever, obrigação. É encontrada em receita, bula, manual, documentos de leis, legislação de trânsito etc.

✓ Descrição: expressa percepções gerais, descrever características de pessoas, lugares, retratos, cardápios, anúncios, receitas culinárias, relatórios etc.

✓ Dialogal: tipo textual predominante em uma conversa telefônica, no whatsapp, facebook, entrevista etc.

A seguir, recorro a outro tema que fundamenta a pesquisa aqui em desenvolvimento.

3.3 CULTURA

O conceito cultura significa cultivar algo, cada cultura muda de acordo com a região e modos que as pessoas agem (SARAIVA, 2012). Na minha comunidade tem as folias e festa de nossa Senhora Da Abadia, que são eventos que acontecem todo ano sempre na mesma data, as pessoas se reúnem para celebrar e cultivar suas crenças e saberes. São manifestações que as pessoas da comunidade kalunga Vão de Almas adquiriram ao longo de suas histórias de vida. Podemos dizer que cultura são os sistemas de comportamento social transmitido a comunidades de ser humanos, incluindo seus modos de vida, organizações, tecnologias e atividades religiosas (SARAIVA, 2012).

Quando dizemos cultura estamos falando de crenças, saberes, costumes, ou seja, de coisas que o ser humano desenvolve na sociedade. Cada região ou comunidade tem suas culturas, que foram adquiridas de geração por geração por meio de manifestações sociais.

Na minha comunidade, a cultura vem passando de geração em geração, em que são expressos saberes, costumes, crenças e assim por diante. Um grande exemplo que temos é a folia de Reis, que é uma manifestação cultural.

Do dia 1º até o dia 06, no mês de janeiro, as pessoas da comunidade e estranhos reúnem-se em um determinado lugar de costume para tornar cultivar aquilo que é de costume. Nessa atividade ocorrem manifestações, experiências e trocas de saberes.

A cada geração que é passada a cultura perde um pouco as suas características, pois as novas gerações vão adaptando-se a outras formas. Podemos dizer que a folia de Reis já teve suas modificações para poder adaptar-se à juventude. Porque os jovens não estão mais respeitando o Santo como os antigos, eles não têm mais as organizações e até mesmo o respeito. A cultura está sendo modificada de acordo com o tempo. Em cada lugar a cultura tem seus estilos.

SARAIVA (2012, p.211) afirma que “a cultura é uma forma de interpretar o mundo. Cada grupo define a melhor maneira de formular essa interpretação”. Homens e mulheres desenvolvem sua cultura de acordo com o mundo em que vivem, buscando interpretar a realidade, manifestando, expressando e formando ações na sociedade, buscando entender o que as pessoas querem dizer através das manifestações culturais. No caso da comunidade kalunga Vão de Almas, a cultura chegou desde os primeiros moradores.

3.4 MEMÓRIA

O conceito de memória significa guardar algo na mente. Podemos dizer também que memória é a capacidade de conseguir armazenar tudo do passado e compartilhar com pessoas suas experiências vividas, ou de algo contado pelos amigos, familiares, noticiários de livros, jornais, revistas, televisão etc.

Portanto, algo guardado na memória tem suas fragmentações, pois, pode ser perdido ao longo do tempo e, um determinado território, ficará sem seus bons relatos. A memória está exposta nas pessoas como forma de agir, pensar e, a partir daí, construir suas histórias. Flavio (2003, p. 129) afirma que

Afinal, os processos criadores de memórias coletivas são resultantes de um trabalho do espírito o qual media os modos de agir, pensar, perceber dos homens. O trabalho de construção da memória é trabalho que serve às estratégias

incorporadas pelas práticas, conflitos e tensões que marcam as relações sociais produtoras de territórios e territorialidades sociais.

Homens e mulheres têm suas trajetórias de vida na memória. Dessa forma, estará armazenada toda história de vida de suas famílias e todas as lutas enfrentadas. A memória é algo do passado que serve de base para o presente e de reflexão para o futuro. A memória é importante para fazer história do coletivo. Portanto, todo território deve ter sua própria identidade escrita e, quando resolve colocar isso no papel, a memória das pessoas de uma comunidade está em primeiro foco, pois ali é onde se encontra o surgimento da mesma, como era e como é atualmente, são traços do passado para viver um presente e servir de inspiração para um futuro. As pessoas têm que ter suas memórias e, a partir delas, criarem história, para que não sejam destruídas suas identidades.

3.5 IDENTIDADE COLETIVA

A identidade coletiva é a manifestação que um determinado grupo apresenta para ter identificação, que através disso cada componente seja apresentado e, todos serem divulgados coletivamente. Segundo Baptista (2002) a identidade coletiva é uma construção histórica que se dá a partir da relação dialética que ocorre em algum espaço por um grupo. Podemos dizer que a Folia de Reis é uma construção de identidade coletiva, pois, todos que estão ali se manifestam juntos, em um espaço e tempo. E, aos poucos, vão formando identidade coletivamente.

Segundo Baptista (2002), identidade individual é a construção da percepção que o ser atribui ao longo de sua vida. Cada pessoa tem sua identidade individual e coletiva, que vai adquirindo no processo de relação com a sociedade para divulgar seus territórios ou grupo.

Com relação à identidade coletiva entendemos que o processo é o mesmo: o conjunto de psicólogos em um determinado tempo histórico, poderá apresentar características que o marquem como idêntico a si mesmo e diferente dos outros conjuntos de profissionais, mas ao longo do tempo aparecerão

características que os diferenciam entre si (BAPTISTA, 2002, p.32)

3.6 FOLIA DE REIS

Segundo ALVES-CANDIDO (2009) a Folia de Reis já era uma forma de manifestação cultural em toda a Península Ibérica, e que a Folia de Reis teria sido introduzida pelos nossos colonizadores portugueses no século XVI, que era para ser um instrumento pedagógico dos Jesuítas, crenças divinas para catequizar os índios e depois os escravos.

Na comunidade kalunga Vão de Almas, a Folia de Reis tem suas organizações, tais como procurar os foliões de diferentes funções, como o alferes, caixeiro, guia, contra guia. Quando chega o dia da Folia, o encarregado avisa aos foliões e eles se reúnem no lugar da festa para que essa folia possa ser realizada. Depois, da reunião da folia vem a curraleira. O cantador tira de alguma coisa presenciada na Folia ou durante sua vida. A curraleira é uma musica cantada onde há reflexões sobre a sociedade, para depois sair girando de casa em casa e cantar em todas.

Na comunidade do Vão de Almas, a Folia de Reis é muito importante para manter os costumes da comunidade e é uma forma das pessoas expressarem suas crenças diante do que está acontecendo com a sociedade, mostrar seus saberes para as pessoas que ali vivem e para os visitantes que vão prestigiar esse ato.

As folias são um gênero discursivo que se manifestam na oralidade, os gêneros discursivos podem ser na oralidade e na escrita.

A folia de Reis acontece na comunidade do Vão de Almas do dia de 1º á 06 de janeiro, sendo que no dia 1º é a saída. Juntam-se os foliões, ensaiam e começam a girar. O que isso significa: passar em todas as casas à noite, porque o Santo Reis gira à noite. No dia 06 é o dia do remato, quando os foliões se reúnem em um lugar para pedir perdão a esse Santo dos erros cometidos durante os dias de giros, de algo que eles fizeram e o Santo não gostou, por exemplo, pecados cometidos pelas pessoas. Após fazer esse ato, os foliões vão para o lugar onde a folia for rematar e lá as pessoas da comunidade e outros já esperam para assistir o remato.

O Santo Reis é diferente dos outros, porque os outros giram durante o dia e ele já é à noite. Ele é o primeiro Santo a tirar suas esmolas do ano, por isso a Virgem Maria manda ele se esconder dos seus irmãos. Por isto ele é girado à noite, porque os outros Santos não podem saber que ele já está girando. Em cada lugar, a Folia de Reis tem seu estilo diferente, mudando de região, adaptando-se às suas formas regionais.

Este estudo tem grande relevância no meio cultural de como a folia é um gênero discursivo de extrema importância na comunidade e na sociedade. Entretanto, essa cultura está acabando, pois os jovens da comunidade não estão mais interessados em aprender esses saberes típicos que existem na comunidade. Os jovens estão entrando em outro mundo, deixando para trás uma raridade, suas culturas que os representam.

Os registros vão me auxiliar, mostrando que a folia é um gênero discursivo oral que se encontra na comunidade kalunga Vão de Almas e em outras comunidades kalungas. É um gênero cantado, cheio de verso rimando, que as pessoas vão aprendendo com os mais velhos. Então, esses versos são uma forma de saudar o dono da casa, sua família e objetos. Segundo as pessoas da comunidade, o santo está ali junto com os foliões e anda sempre na frente da bandeira.

A Folia de Reis na comunidade kalunga Vão de Almas tem seus respeitos ao Santo, costumes, saberes e crenças. Mas, aos poucos, a folia de Reis está perdendo algumas de suas características típicas, tais como andar em silêncio para chegar às casas sem que os moradores percebam, para quando eles perceberem já está acontecendo o canto. Nesse momento, os foliões mais velhos exigem muita atenção e dedicação. Segundo eles, é hora de respeitar a divindade.

Na comunidade, antigamente, só tinha uma bandeira, que girava todas as casas, mas, devido ao aumento das pessoas e casas, tiveram que mandar pintar mais uma bandeira para poder dar conta de realizar todos os giros.

O alferes na folia é considerado o líder, um homem de responsabilidade, que sabe quase todas as regras da folia, como fazer as vendas, respeitar a casa das pessoas, tipo não ir muito à cozinha e nem falar muito com as mulheres conversas desagradáveis. Além do alferes, a folia tem o guia, contra guia, onde o guia é considerado o mestre daquela folia, lembrando que eles

necessitam de alguém para ajudar a cantar, um fazer a primeira voz e o outro a segunda. Eles, juntos com o alferes, são quem manobram a folia e assumem as maiores responsabilidades. Há também o caixeiro que conduz a caixa. Além desses, necessitam-se de mais foliões para ajudar nas tarefas: um cantar em uma casa e o outro na outra.

A curraleira é o canto que tem que cantar em todas as casas. A folia de Reis é diferente das outras. Vale destacar que ela canta o canto no terreiro, pede o agasalho junto com o canto, dizendo o dono da casa em cantos e versos que o pouso é nessa residência, após pousar cantar curraleiras, o dono da casa, com sua esposa, convida outras pessoas para ajudar a cozinhar. Os foliões vão dormir, quando chega a hora do almoço, eles almoçam e, às vezes, rezam o bendito ou deixam para rezar com a despedida. Então, eles vão dormir, quando chegar perto de sair, tomam banho e pegam seus cavalos.

Os foliões e acompanhantes se reúnem no terreiro para todos beijarem a bandeira. Alguém pega a bandeira para o alferes beijar primeiro e, em seguida, todos beijam a bandeira, todos ficam em pé, e o caixeiro batendo na caixa e os alferes passam a bandeira por cima da cabeça de todos os foliões. Depois disso, todos entram na casa e vão cantar a despedida. O dono da casa fica na frente da bandeira. Para servir comida aos foliões, o dono da casa escolhe alguém para levar a comida até a mesa para os foliões e o alferes convidam os foliões para comer.

No dia do remato, todos pedem perdão e chegam ao lugar onde os Povos esperam, amarram seus cavalos e vão saudar o cruzeiro, lembrando que na folia se o guia jogar o verso, o contra é o que está para responder os versos que o guia joga, e se ele não souber deve repetir o verso, porque já tem as colunas de versos. No dia 06, é o tão esperado momento do remato, depois de cumprir com suas obrigações, todos vão para o forró, onde dançam até o dia amanhecer.

Cada folia tem alguns versos diferentes, maneiras de girar e etc. As demais folias giram durante o dia e à noite se descansa. No dia da saída de outras folias, reúnem-se todos os foliões, eles ensaiam, guardam os instrumentos e vão rezar. Após rezar, servir comida a todos e agradecer a mesa, o dono das despesas, ou seja, o encarregado da folia manda o tocador ligar o som, afinal, esse é o momento em que muitos esperam. As escolas

arrecadadas ficam para os zeladores dos santos comprarem algumas coisas para o festejo.

- ✓ Na comunidade Kalunga Vão de Almas tem as datas que acontece as folias.
- ✓ A folia de Reis acontece nos dias de 1º a 06 de janeiro.
- ✓ Mês de maio a folia do Divino não tem o dia certo, mas sai só no domingo.
- ✓ Junho é comemoração de Santo Antônio.
- ✓ Julho é comemoração de São Sebastião, mas o seu dia mesmo é dia 20 de janeiro.
- ✓ Agosto é comemoração de Senhora das Neves.
- ✓ Outubro se comemora Senhora Aparecida.
- ✓ Dezembro se comemora Santa Luzia.

As folias são uma manifestação que se encontra na comunidade Kalunga Vão de Almas, mas que aos poucos estão perdendo sua identidade, pois os jovens estão conhecendo outras culturas e estão entrando em outras culturas. Quando eles vão às folias, não têm mais o respeito como as pessoas de antigamente, não acreditam mais nas crenças divinas, já não têm organizações como as pessoas mais velhas. E, aos poucos, essas crenças culturais estão se perdendo.

Na comunidade, hoje, tem os evangélicos, o que está fazendo com que as folias entrem em decadência, pois muitos que eram foliões já são evangélicos. Antigamente, na comunidade, não existia igreja evangélica, era só católica, o que fortalecia a cultura. E agora, na comunidade, já há uma igreja evangélica e as pessoas reúnem-se ali quase todos os dias para pregar a palavra de Deus. Isso é implantado ideologicamente para manipular as pessoas e, através disso, fazendo com que muitos jovens e alguns de meia idade passem para essa religião, deixando suas crenças e culturas se perderem. Essas pessoas estranhas na comunidade vão colocando ideologias na cabeça dos moradores e causam o empobrecimento da cultura local.

CAPÍTULO IV

4.0 GÊNEROS DISCURSIVOS FOLIA DE REIS: REVELANDO CULTURA E IDENTIDADES NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS

Nesta parte, registro e analiso o que as pessoas entrevistadas da Comunidade Vão de Almas, no ano de 2015, já identificadas no capítulo 1, revelam sobre a Folia de Reis. Ressalto que as entrevistas estão na íntegra, visando fortalecer a memória e a identidade cultural dos participantes da pesquisa, que serão identificados pela letra inicial de seu nome. P.G significa pergunta.

Entrevista 1

L: Tem 75 anos, pai de nove filhos, desde moleque foi e até hoje ainda é alferes de folias, ele é casado e aposentado.

P.G:1ª Qual o nome do senhor? L. P.G: 2ª O que é folia para você? Folia para mim é toda folia. P.G: 3ª Quais tipos de folia você conhece? Eu conheço quase todo tipo de folia. P.G: Quais delas assim, tipo folia Santo Reis? Eu conheço Folia de Santo Reis, conheço Folia do Divino, São Sebastião, Senhora das Neves e Santo Antonio e Senhora do Rusaio, Senhora das Parecida, certo. P.G: 4ª Você sabe contar como era a Folia de Reis antigamente? Há num sei conta não. P.G: E como é hoje? Como é hoje é assim que a Folia de Reis ponhe ela bandeira no mastro e sai girando ai onde o dia amanhece posa, mas num é cumo tava di primeiro, porque di primeiro o povo andava calado e hoje o povo só anda barrulhando. hum... P.G: O que o senhor acha assim que mudou na folia? ua u que mudou na folia foi pro modo o barulho que di primeiro não tinha barulho e agora tem, chagava numa casa chegava calado e hoje chega cunveisando, então, dimudou.certo...hunrum. P.G: 5ª No seu ponto de vista, quais são as pessoas interessada em participar da folia de reis? Ua no kalunga é tudo..certo..é no kalunga é tudo

mundo parece que é católico, agora os crentes...hunrum. P.G: são as pessoas mais velhas? P.G: e as, mas jovem participa? Participa tudo participa. Hum. P.G: Como é a preparação da folia de reis? Como é a preparação?rum... ou a preparação da folia de reis é por a bandeira no mastro e juntar os foliões, ensaiar a folia e sair. Certo... P.G: 6ª Você tem notícias de quando a folia de Reis chegou a comunidade? num sei não. P.G: 7ª Você vê a Folia de Reis como uma manifestação da cultura kalunga? Também num sei não. P.G: 8ª Você acha que a cultura que vem de fora da comunidade kalunga influencia na mudança da Folia de Reis? Não também num sei. P.G:9ª Você sabe se na escola se fala sobre Folia de Reis? Nunca vi falando na escola não de Folia de Reis não. P.G: 10ª Você sabe se os pais convidam os filhos para a preparação da folia de Reis? Incovida.

O senhor L. gosta de todos os tipos de folias que acontecem na comunidade e conhece todas. Ele não sabe contar como era a Folia de Reis antigamente, mas ele destaca que quando ele começou a girar, as pessoas andavam mais caladas e hoje já há mais barulho na folia, ou seja, ele deixa claro que as folias de antigamente tinha mais organização do que as de hoje. As pessoas eram dedicadas à divindade, mesmo assim, ele ainda afirma que as pessoas do kalunga, os católicos ainda participam das folias, que só os crentes (evangélicos) que não gostam desse ato.

As pessoas mais velhas e os jovens tudo estão participando da folia. A preparação da folia de Reis é colocar a bandeira no mastro, juntar os foliões, ensaiar e girar. O entrevistado não teve a oportunidade de estudar. Por isso, algumas perguntas que necessitavam de ter uma visão mais ampla, ele achou difícil e diz que não sabia falar sobre o assunto. Em seu ponto de vista, todos os pais convidam os filhos para a preparação da folia.

Entrevista 2

A. Tem 70 anos, nasceu e mora na comunidade, não frequentou a escola, é pai de 12 filhos, viúvo e aposentado.

P.G:1ª o que é folia para o senhor? Folia? RAM. Folia para nós aqui é uma divindade que a gente considera como um santo num é... Porque deus nós não tem poder de ver ele, mas a divindade nós confirma que é um santo, uma image num é? P.G: 2ª quais tipos de folia o senhor conhece? Eu cunheço vários tipo.. é folia de Santo Reis, Santo Ontonio, São Sebastião, Nossa Senhora das Neves e o Divino Esperito Santo e São Gonçalo da Marante. P.G: 3ª você sabe contar como era a folia de Reis antigamente? É ... u cumeço dela é dia de ano, dia de ano é dia primeiro de janeiro, ai a folia saia e rematava dia seis, seis dia de giro. P.G: e hoje como é? Hoji é o mesmo custumo é o mesmo porque todo ano dia primeiro de janeiro ela sai e remata dia seis. Certo... P.G: o que mudou? Num mudou nada, só porque a folia rendeu foi mais porque antigamente só tinha uma e agora tem duas, três. Hum. P.G: 4ª no seu ponto de vista, quais são as pessoas interessada em participar da folia de Reis? São as pessoas mais velhas ou as, mais novas? O mais velho é muito importante participa. Agora hoje tem vários novos que não que sisti por conta de povo crente, tem muito dês que tá passando pra região agora.. os velhos ninguém ta passando não. Certo... P.G: como é a preparação da folia de Reis? Há a precaração dela é sai dia de ano e gira. Certo... P.G: 5ª você tem noticias de quando a folia de Reis chegou aqui na comunidade? Há tem não essa daí é muito antiga eu nem num existia ainda, quando eu conheci meus pais, que eu fui criado sem pai e mãe ES já me falava que tinha essa divindade e nunca parou do tempo que eu nasci.certo...P.G: 6ª você ver a folia de Reis como uma manifestação da cultura kalunga? Vi Dimais, vi e até hoji ta ai ainda. certo...P.G: 7ª você acha que a cultura que vem de fora da comunidade kalunga influencia na mudança da folia de Reis, como? Não. Quase que ES também fica é muito alegre quando chega aqui que vê a divindade da folia de Reis, vem pra cunhece que la pra ES muito que num cunhece num é...es vem na comunidade kalunga pra cunhece. P.G: 8ª você sabe se na escola se fala sobre folia de Reis? Fala. Toda escolas fala,

quem num fala sobre a folia de Reis é só os crento. P.G: 9ª você sabe se os pais convidam os filhos para a preparação da folia de Reis? Incovida incovida, meus filho a folia de Reis evem vamos sisti o canto.

O senhor A. já tem uma reflexão mais ampla do que é folia. Ele vê a folia como uma divindade da comunidade kalunga que as pessoas consideram como um Santo que faz milagres. A partir desses Santos, as pessoas fazem promessas quando estão passando por situações difíceis, quando tem alguém da comunidade em estado grave, faz a promessa para algum Santo e se a pessoa se recuperar tem que pagar a promessa do jeito que o outro fez. Esse entrevistado lembra um pouco disso. Ele conhece todos os tipos de folias que acontecem na comunidade e afirma que a Folia de Reis ainda acontece na mesma data de antigamente.

As mudanças que ele percebeu é que aumentou mais bandeiras, que antigamente só havia uma bandeira do Santo Reis e hoje já tem umas três, isso causa o enfraquecimento da cultura, mas somente uma não dá conta de realizar todo giro. A falta de organização, às vezes, dificulta, porque dependendo do encarregado, a folia requer mais foliões. Quando uma pessoa da comunidade está pensando em soltar uma folia no próximo ano já tem que girar as dos outros para que os outros vão na dele como obrigação, uma forma de troca.

Percebe-se que o entrevistado A afirma que as pessoas mais velhas são importantes na folia e que muitos jovens não vão para as folias porque já estão evangélicos. Ele percebe que a maior parte dos evangélicos é jovem e, que os idosos são difíceis mudar de religião. Segundo ele, desde quando ele nasceu seus pais já falavam dessa divindade que acontece até os dias de hoje. Ele já viu e está vendo a como manifestação da cultura local. O entrevistado percebe que as pessoas que vão de fora não interferem, pois elas querem conhecer e prestigiar esse momento.

O entrevistado pensa que todas as escolas falam sobre as folias. Mas há professores, por ser evangélicos, que não falam da cultura nas escolas, ou seja, não a relacionam à realidade dos alunos. Essa postura está negando informações sobre os costumes, fazeres, modos de pensar e agir dos seres

que ali vivem. Quando A. diz que os pais convidam é no sentido quando a folia chega à casa deles, e não de girar a folia.

Entrevista 3

AN. Tem 55 anos nasceu e mora na comunidade, é pai de 8 filhos e trabalha como agente comunitário.

P.G:1ª o que é folia para você? Uai a folia pra mim é uma coisa importante que é uma tradição de quando eu entendi por gente já existia, que a gente participa, gosta, então é uma coisa muito importante. P.G: 2ª quais tipos de folia você conhece? A eu conheço é muitas é de Reis, Divino, Senhora das Neves, São Jusé, São Sebastião, Santo Tontono, Senhora Aparecida, Senhora da Conceição tudo já teve folia dia 08 de dezembro, já parou mas já teve, já girei. P.G: 3ª você sabe contar como era a folia de Reis antigamente? É eu sei sim, porque antes era uma folia muito silenciosa que ela só tinha movimento quando chegava na casa, eu ainda girei no tempo dos mais velhos no tempo de M... as quês povos mais velhos, na girei muito ainda, chegava na casa e quando cantava o povo barulhava lá dentro, a hora que cantava que o povo sabia que a folia tava girando(...) e o povo tinha mas sentença com a divindade, principalmente hoje com esse negócio de crente que tá chegando muito, tá acabando, num tá mais como era, às vezes girava folia ali era com 20 foliões e hoje pra achar 05, 06 outra hora nem sai, tá acabando(...) P.G: o que mudou? É o que mudou hoje muito é a discredita que antes crente num gosta de folia, às vezes tem tanto foliões bom ali que girou que virou crente e deixou, então, vai acabando. P.G: 4ª no seu ponto de vista, quais são as pessoas interessadas em participar da folia de Reis? (...) ali hoje ainda tem muito ainda tem a base de uns 70% que interessa em participar que uns 30% num quer participar, você sabe muito bem que um bucado ali num, acha que num existe mais a divindade né. P.G: são as pessoas mais velhas? E as mais jovens participam

da folia? Não. tem dos mais velhos e dos mais novos, porque como já tem dos mais velhos e dos mais jovens crente também. Tem velhos que gosta e jovens que gosta também e tem também os que não gosta. P.G: como é a preparação de folia de Reis? Descreva para nós como é a preparação dessa folia. (...) a preparação da folia é assim pra girar, ela é preparada pra girar a noite, então é convidar foliões, tem que arrumar a comida de dia porque de noite já vai é girar, pegar as coisas e sai de noite que quando o dia amanhece ela tem que ta preparada pra posar. P.G: 5ª você tem notícias de quando a folia de Reis chegou á comunidade? Não essa ai eu num sei não porque quando eu intindi por gente ela já existia, então, eu acho assim difícil deixar acaba porque quando eu intindi por gente e hoje to com 54 anos e completa 55 em dezembro já existia, então o povo mais velhos já tinha e girava aqui no Vão de Almas só uma folia, num tinha esse tanto que tem hoje, colocou muitcha folia que já ta é acabando (...) a que sempre teve é aquela que é la em F... ai depois que nasceu as outras. P.G: 6ª você ver a Folia de Reis como uma manifestação da cultura kalunga? Fale sobre isso? É uma manifestação e boa. Para começar é um Santo e até aqueles que é de outra religião participa, porque nessas capitais grande hoje ta 60% de outra religião e dia de ano é um dia que todo mundo participa e comemora, às vezes os crente não quer mais comemora. P.G: 7ª você acha que a cultura que vem de fora da comunidade kalunga influencia na mudança da Folia de Reis, como? Até que não porque a tradição que a gente tem com a difora quase não se inquadra não, porque vem com muita mudança particular que se num poder ajudar não atrapalha. P.G: 8ª você sabe se na escola se fala sobre Folia de Reis? Num fala não, porque o professor só faz o que tem que fazer né é igual eu na saúde só faço o papel de saúde, a pessoa faz o que é obrigatório dele (...) a Folia de Reis num é um interesse mais é num é um brinque da educação da abordagem a educação. P.G: 9ª você sabe se os pais convidam os filhos para a preparação da Folia de Reis? Covida, dia de Reis é um dia muitocho movimentado que essas pessoas que tá pra fora na cidade grande vem danta os pais

e esse dia é um dia de bastante alegria dia de ano é um ano novo né que todo mundo tá feliz que passou o ano velho e alcançou o ano novo né porque sabe que a vida é mutcha curta né, então a pessoa que alcança dia de ano tá com uma fé de espera o outro ano novo né , então é mutcho interessante.

AN. vê a folia como uma tradição que ele gosta e participa, para ele, veio dos antigos e está acontecendo até os dias de hoje. Segundo Alves (2009), Folia de Reis já era uma forma de manifestação cultural que já realizava em toda a Península Ibérica, e que a Folia de Reis teria sido introduzida pelos colonizadores portugueses, no século XVI, que era para ser um instrumento pedagógico dos jesuítas, crenças divinas para catequizar os índios e depois os escravos. Isso acontece nas comunidades até os dias de hoje, ele destacou que conhece seis tipos de folias e que já teve a folia de Nossa Senhora da Conceição, mas hoje não acontece mais.

O entrevistado afirma que a Folia de Reis antigamente era mais silenciosa e que ele ainda girou nesse tempo. Havia pessoas antigas que exigiam respeito ali e, quando o dono da casa percebia os foliões já estavam fazendo o canto. As pessoas tinham mais respeito pela divindade, não havia ninguém evangélico na época, já hoje, coma igreja na comunidade, há mais dificuldades de encontrar foliões. Segundo ele, antigamente, tinha folia com até 20 foliões e hoje está difícil encontrar 05 pessoas para comandar a folia e, às vezes, a folia nem sai. Percebemos que as folias estão acabando. Ele afirma que 70% ainda participam e que os outros não se importam mais com a divindade, é alguns jovens que gostam, e outros não.

O encarregado tem que convidar os foliões e servir a comida durante o dia, porque durante a noite já prepara para girar, e quando o dia amanhecer pousa. Ele fica preocupado em ver que a Folia está acabando e diz que antigamente só tinha uma Folia, e hoje já tem tantas, c isso faz com que vão cada vez mais fragilizando essa cultura. AN. vê a Folia como uma manifestação da cultura e ele afirma que é das boas, e que até os evangélicos acabam participando, porque dia 1º é dia de ano e da saída da Folia. No ponto de vista dele, a cultura que vem de fora não ajuda e nem atrapalha na cultura

kalunga, porque elas não se encontram, então, não tem nada a ver uma com a outra.

Este entrevistado pensa que a escola não deve falar da Folia, porque não está na matriz curricular. O curso de Licenciatura em Educação está formando educadores e lutando para ter uma matriz curricular voltada à realidade dos alunos. Ele vê a data da Folia como um reencontro de famílias, pois muitos que estão na cidade vão para a comunidade para comemorar essa data com a família e prestigiar a Folia.

Entrevista 4

J.S. Tem 39 anos, é pai de 02 filhas e estudou até o 4º ano do ensino primário.

P.G:1ª o que é folia pra você? Uai a folia pra mim serve como uma tradição mermo e no dizer uma diversão que a gente tem na comunidade. P.G:2ª quais tipos de folia você conhece? Uai eu conheço muitas a de Reis, São Sebastião, de São Jusé, Santo Tontono, Senhora das Neves, Nossa Senhora Aparecida e mais outras. P.G:3ª o que mudou? Uai acho que mudou hoje o seguinte que cada ano vai mudando, muitos não quer fraquentá mais, num quer mais seguir as folias igual era antigamente que todo mundo era devoto e hoje já tem gente... mudou muito já chegando as igrejas de crente ai muda muito. P.G:4ª você sabe contar como era a Folia de Reis antigamente? Folia de Reis antigamente no meu conhecimento o que mudou pra hoje é que ela era mais silenciosa, mais organizada e hoje já tem muito barulho já né, na folia. (...) P.G:5ª no seu ponto de vista, quais são as pessoas interessadas em participar da folia de Reis? São as pessoas mais velhas? E a mais jovem participa da folia? Participa sim, praque é uma influencia que passa dos mais velhos pros mais novo né. P.G: como é a preparação da folia de Reis? Descreva para nós como é a preparação dessa folia. Cumo é a preparação da folia de Reis, ua sempre ela é mas preparada que ela é preparada pra girar a noite e posa durante o

dia. P.G:6ª você tem notícias de quando a Folia de Reis chegou a comunidade? Não. Eu não tem notícias de quando não, que esse aí já veio das tradições né, já cada uns mais velhos que passou pros mais jovens já conheceu ela na comunidade né. P.G:7ª você vê a folia de Reis como uma manifestação da cultura kalunga? Fale sobre isso. Ué eu acho que sim, porque se é uma tradição é igual uma manifestação que o povo tem devoto todo ano naquela data né. P.G:8ª você acha que a cultura que vem de fora da comunidade kalunga influencia na mudança da folia de Reis, como? Há eu acho que influencia muito pelo modo os sons, o pessoal vai saindo e pegando esses outros movimentos que vem de fora e vai fazendo a mudança, porque muita gente já não presta mais atenção na folia mas de Reis. P.G:9ª você sabe se na escola se fala sobre folia de Reis? É eu acho que sim, porque isso quer dizer que é um dever até dos professores fazer alguns textos sobre isso e pergunta pros alunos né e não deixa essa cultura acabar né. P.G:10ª você sabe se os pais convidam os filhos para a preparação da folia de Reis? É eu acho que não todos, alguns pais convidam e outros pais acho que não convidam.

JS. vê a folia como uma tradição e diversão que acontece na comunidade, conhece seis tipos de Folia, que cada ano vai se modificando. As culturas vão se modificando com o passar do tempo e adaptando a novas modalidades. (Saraiva, 2012, p.211) afirma que “a cultura é uma forma de interpretar o mundo. Cada grupo define a melhor maneira de formular essa interpretação”. As culturas vão se modificando para adaptar com a realidade atual.

JS critica a chegada da igreja evangélica na comunidade. Ele relata que antigamente a folia era mais organizada, as pessoas andavam em silêncio. Afirma que todos participam e que já vem sendo influenciada pelos mais velhos e que todo ano na mesma data tem essa manifestação na comunidade. Ele afirma que a cultura que vem de fora influencia na cultura da comunidade, pois, quando liga o som as pessoas não prestam mais atenção às coisas. O entrevistado faz uma reflexão de que é dever de todos os professores falarem

da Folia e elaborarem textos e depois fazerem perguntas aos alunos para que assim a cultura não acabe. Alguns pais não convidam os filhos para a folia.

Entrevista 5

5. J... Tem 29 anos, nasceu e mora na comunidade, é casado, tem uma filha, estudou e hoje atua como professor temporário.

P.G: 1ª o que é folia para você? Cultura religiosa. P.G: 2ª quais tipos de folia você conhece? Reis, Divino, Senhora Aparecida e tem varias. P.G: 3ª você sabe contar como era a folia de Reis antigamente? Muito pouco. P.G: então, descreva um pouco? Então, a folia de Reis pelo que eu via era mais organizada os pessoal chagava na casa do pessoal e muito deles nem percebia. P.G: E como é hoje? Hoje os pessoal já alguns novatos já num leva isso, mais como uma tradição e mais como uma diversão, vai mais para badernar. P.G: 4ª o que mudou? As baderna NE que muitos novos hoje já vai mais pra diverti. P.G: 5ª No seu ponto de vista quais são as pessoas interessadas em participar da folia de Reis? Os pessoais mais velho vai com, mas respeito. P.G.: como é a preparação da folia de Reis? Há o encarregado vai procura os foliões. P.G: E depois que encontra os foliões? Reúne em sua casa e faz seu ensaio e libera a folia para girar de casa em casa. P.G:6ª você tem noticias de quando a Folia de Reis chegou a comunidade? Não. P.G:7ª você ver a Folia de Reis como uma manifestação da cultura kalunga? Sim. P.G: fale sobre isso? Há é uma folia respeitada né religiosa respeitada que toda comunidade tem essa folia. P.G: 8ª você acha que a cultura que vem de fora da comunidade kalunga influencia na mudança da folia de Reis, como? Não. P.G: 9ª você sabe se na escola se fala sobre folia de Reis? Sim, muitas escolas. P.G:10ª você sabe se os pais convidam os filhos para a preparação da Folia de Reis? Alguns pais.

J vê a folia como uma cultura religiosa. Segundo Baptista (2002) cada sujeito atribui ao longo de sua vida várias formas de percepções para poder entender as coisas. J. afirma que a folia era mais organizada, chegava na casa e as pessoas nem percebia, que os jovens vão para a folia se divertirem. Como podemos perceber nessa entrevista, esse jovem não participa da Folia, pois, fala muito pouco da Folia.

Entrevista 6

6. D.Tem 20 anos e está concluindo o 3º ano do ensino médio.

P.G: 1ª o que é folia para você? Uma tradição do povo mais velho.

P.G: 2ª quais tipos de folia você conhece? Digamos, Reis, Santo Tontono, Divino, São Bastião e Senhora das Neves. P.G: 3ª você

sabe contar como era a Folia de Reis antigamente? Há tinha mais organização. P.G: E como é hoje? Há hoje ela vêm mais um pouco

bagunçada, muito dos novatos fica fazendo muitas graçinhas. P.G:4ª

O que mudou? A organização. P.G: 5ª No seu ponto de vista, quais

são as pessoas interessadas em participar da Folia de Reis? P.G:

São as pessoas mais velhas?P.G: E as pessoas mais jovens

participam da Folia de Reis? Não só as mais velhas, mas as mais

jovem também. P.G: Como é a preparação da Folia de Reis?

Descreva para nós como é a preparação dessa folia. (...) a o

encarregado vai atrás dos foliões e assim que chegar conversa com

o aifele e os foliões e faz o ensaio e sai ela. P.G: 6ª Você tem

notícias de quando a folia de Reis chegou à comunidade? Não. P.G:

7ª Você ver a folia de Reis como uma manifestação da cultura

kalunga? Sim. P.G: Fale sobre isso? A porque sempre ela vem mais

é da tradição kalunga. P.G: 8ª Você acha que a cultura que vem de

fora da comunidade kalunga influencia na mudança da folia de Reis?

Sim. Porque invés de reza muito dos jovens que, por exemplo, a

folia tá fazendo o remato ali tem muito jovens que ta ali mexendo

com telefone, tá jogando uma sinuca, tá fazendo outras coisas lá

que já tira a concentração. P.G: 9ª Você sabe se na escola se fala

sobre Folia de Reis? Não. P.G: 10ª Você sabe se os pais convidam os filhos para a preparação da folia de Reis? Convidam sim.

D. vê a Folia como uma tradição dos mais velhos e percebe que ele não se sente parte dessa cultura, que é somente das pessoas velhas. Ele afirma que a Folia antigamente tinha mais organização, que os jovens ficam fazendo brincadeiras na folia e não a veem como uma cultura importante para a comunidade kalunga, e, o pior é que eles não se sentem parte desse processo cultural. Esse jovem vê a cultura de fora interferindo na cultura Kalunga, segundo ele, as pessoas deixam alguns momentos da folia para irem jogar sinuca e mexer com telefone. A chegada de outras culturas modifica algumas culturas existentes.

Entrevista 7

R. Tem 12 anos, mora com os pais e estuda no 7ª ano na Escola Estadual Kalunga 1.

P.G:1ª o que é folia para você? É um divertimento das pessoas kalungas. P.G: 2ª quais tipos de folia você conhece? A folia de Santo Reis, Divino, Nossa Senhora da Neves, essas folias.(..) São Bastião, Santo Tontono (...). P.G: 3ª você sabe contar como era a folia de Reis antigamente? Não. P.G: E como é hoje? Hoje ela gira à noite e aonde onde ela amanhece o dia ela posa. P.G: 4ª o que mudou? Nada. P.G: 5ª No seu ponto de vista, quais são as pessoas interessada em participar da folia de Reis? São as pessoas mais velhas? E as mais jovens participam da folia? Todas. As mais velhas e as mais jovens. P.G: Como é a preparação da folia de Reis? Ela custura a bandeira à noite no mastro e sai à noite girando as casas. P.G: 6ª Você tem noticias de quando a folia de Reis chegou à comunidade? Não. (...) P.G: 7ª Você ver a Folia de Reis como uma manifestação da cultura kalunga? Fale sobre isso. (...) Não. P.G: 8ª você acha que a cultura que vem de fora da comunidade kalunga influencia na mudança da Folia de Reis? Não. P.G: 9ª você sabe se

na escola se fala sobre folia de Reis? Não. P.G: 10ª você sabe se os pais convidam os filhos para a preparação da folia de Reis? Sim.

R. já vê a Folia como um divertimento das pessoas kalungas que todos participam, ele não sabe contar quase nada sobre a folia, pois, normalmente essa criança nunca girou uma folia. R. afirma que na escola não fala sobre folia. Percebemos que os mais jovens não sabem quase nada sobre a Folia.

Entrevista 8

A. tem 10 anos, mora na comunidade com os pais e estuda na escola de ensino fundamental, primeira fase, da comunidade Kalunga Vão de Almas.

P.G: 1ª o que é folia para você? Tradição cultural da nossa comunidade. P.G: 2ª quais tipos de folia você conhece? Santo Tontono, Divino Espírito Santo, Senhora das Neves, Santos Reis e Senhora Aparecida. P.G: 3ª você sabe contar como era a Folia de Reis antigamente? A folia antigamente meus pais contam que antigamente as pessoas tinha respeito, hoje as pessoas não respeita e não acredita na imagem e só leva em brincadeira. P.G: 4ª o que mudou? Mudou porque antigamente os povos acreditava em fé e hoje eles não acredita. P.G: 5ª no seu ponto de vista, quais são as pessoas interessadas em participar da folia de Reis? P.G: são as pessoas mais velhas? E as mais jovens participam da folia? Participam e leva em brincadeira (...) P.G: Como é a preparação da folia de Reis? Prepara procurando os fuliões o onfere, o cachero,(...) junta insaia para gira a noite e dia vão discansa. P.G: 6ª você tem noticia de quando a Folia de Reis chegou a comunidade? Não. P.G: 7ª você ver a Folia de Reis como uma manifestação da cultura kalunga? Fale sobre isso. Sim. Porque ela é uma folia muito alegre e as pesoas vêm pra girar e quando acaba eles torna voltar. P.G: 8ª você acha que a cultura que vem de fora da comunidade kalunga influencia na mudança da Folia de Reis, como? (...) Sim, porque invez dês tá ajudando a preparar a festa ta em forró tomando pinga

e antigamente as pessoas que ficava ia conta prosa brincar de roda e hoje já fica no forró. P.G: 9ª você sabe se na escola se fala sobre folia de Reis? Sim. Já falou que festa é tradição cultural (...) P.G: 10ª você sabe se os pais convidam os filhos para a preparação da folia de Reis? Alguns convida, outros não.

A. afirma que folia é uma tradição cultural da comunidade, que os pais dela contam para ela que na Folia, antigamente, as pessoas iam com mais respeito, acreditava na imagem e hoje as pessoas levam em brincadeira. Às vezes, algumas pessoas de outras comunidades vão para girar e quando passa o remato elas vão embora. Ela afirma, ainda, que a cultura que vem de fora influencia na cultura da comunidade, que as pessoas deixam de ajudar a preparar a festa para irem dançar forró e beber pinga. Antigamente, as pessoas faziam roda de prosa e iam brincar. Com o passar do tempo e com as novas gerações, as culturas vão se modificando e perdendo algumas características próprias.

Espero que com este trabalho consiga conscientizar os jovens da comunidade Vão de Almas a não abandonar suas culturas. A proposta deste trabalho é ajudar na aproximação dos jovens com suas culturas, com o envolvimento nos seus espaços culturais no decorrer do tempo e fazer com que esse ato tradicional não entre em decadência. Espero alcançar todos os meus objetivos e, o mais importante, trazer esses jovens para o campo de suas culturas, envolvendo-se, cada vez mais, nos seus espaços e ocupando lugares importantes na comunidade.

A sociedade onde vivemos é dividida em classes, que é a classe trabalhadora e a classe dominante, onde a classe dominante coloca ideologias em nossas mentes e as levam para outros caminhos, deixando-nos alienados aos seus sistemas que nos deixam perdidos.

Muitos desses jovens, e até nós mesmos, entramos e somos parte desse mundo ideológico. Ideologia são as ideias que contribuem para as relações de poder, fazendo a construção da hegemonia, que é um foco que está em lutas constantes, envolvendo o meio econômico, político e social. Fica então essa reflexão para nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresenta a importância da Folia de Reis para a manutenção da cultura kalunga do Vão de Almas, mostrando também o desinteresse dos jovens em assumir essa cultura. Com este trabalho, buscamos conscientizar os jovens sobre a importância da cultura local. O trabalho relata o porquê dos jovens não verem a Folia de Reis como uma parte de sua representação. Neste caso, foram entrevistadas 08 pessoas, com idades diferentes, justamente para analisar suas formas de pensamentos sobre a folia.

Os mais velhos veem a Folia como parte importante para a comunidade e para as pessoas que moram ali, já os mais jovens veem a folia como parte dos mais velhos e não se sentem parte desse processo. Alguns jovens falam como se não fosse da comunidade, tentando se distanciar da realidade. O trabalho apresenta dados concretos que a folia é um gênero discursivo que se manifesta na oralidade, tendo grande relevância na sociedade, construindo memórias e identidade nos territórios.

REFERÊNCIAS

ALVES-CANDIDO, Aroldo. *Folia de Reis: tradição e identidade em Goiás*, 2009. (Artigo). UFG. Goiânia-Goiás.

BAPTISTA, Marisa Todescan Dias da Silva. *O estudo de identidades individuais e coletivas na constituição da história da psicologia*. Ática. São Paulo 2002, p. 31-38.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2009, 166p.

BORTONI-RICARDO, Stella maris. *O professor pesquisador*. São Paulo. Parábola, 2008.

CALDART, Roseli Salete et al. (Orgs). *Educação do campo*. Dicionário da educação do campo. Rio de janeiro, São Paulo, Expressão Popular, 2012.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3. Ed. Porto alegre: artmed, 2010, 296p.

FLAVIO, Luiz Carlos. *A geografia e os "territórios de memória" (as representações de memória do território)*. (Tese de doutorado). São Paulo: USP, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2008.

MOLINA, Monica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Licenciaturas em Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Orgs). *Educação do campo*. Dicionário da educação do campo. Rio de janeiro, São Paulo, Expressão Popular, 2012.

SARAIVA Regina Coelly Fernandes. *Dossiê: historia, natureza, cultura e oralidade*". Saberes, fazeres e natureza nas vozes de mulheres da chapada dos veadeiros - Goiás (este artigo é parte da Tese de doutorado da autora), 2012.

SOUSA, Rosineide Magalhães. *Gênero discursivo mediacional, da elaboração à recepção: uma pesquisa na perspectiva etnográfica*. (Tese de Doutorado). Brasília UnB, 2006.